



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Departamento de Comunicação Social
Curso de Jornalismo

ANTÔNIO CARLOS FLORENTINO DE LUCENA

Os Festejos Juninos de Campina Grande e sua evolução

Campina Grande – PB

Setembro de 2021

ANTÔNIO CARLOS FLORENTINO DE LUCENA

Os Festejos Juninos de Campina Grande e sua evolução

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Área de Concentração: Jornalismo Cultural

Ingrid Farias Fachine, Dra.

Orientadora

Campina Grande – PB

Setembro de 2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L935f Lucena, Antonio Carlos Florentino de.
Os festejos juninos de Campina Grande e sua evolução
[manuscrito] / Antonio Carlos Florentino de Lucena. - 2021.
28 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Sociais Aplicadas , 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Ingrid Farias Fachine ,
Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA."

1. Cultura. 2. Festejos Juninos. 3. O Maior São João do
Mundo. 4. Mídia. I. Título

21. ed. CDD 070.4


ANTÔNIO CARLOS FLORENTINO DE LUCENA

**Os Festejos Juninos de Campina Grande e sua
Evolução**

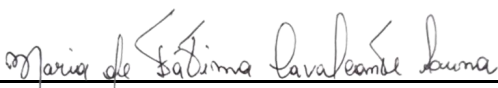
Trabalho de Conclusão do Curso
apresentado ao Departamento de
Comunicação Social da Universidade
Estadual da Paraíba como requisito
para a obtenção do título de Bacharel
em Jornalismo.

Aprovado em: 27 / 09 / 2021


BANCA EXAMINADORA



Ingrid Farias Fechine, Dra.
Orientadora



Maria de Fátima Cavalcante Luna, Ms.
Examinadora



Orlando Ângelo da Silva, Ms.
Examinador

Campina Grande - PB
Setembro/2021

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente , a interseção de Maria Santíssima em todos momentos da minha vida.

A Santo Antônio meu padroeiro, São João e São Pedro.

A todos os Espíritos de Luz dentre eles Meu Pai que sei que está torcendo muito, por mais uma conquista de um filho seu.

A minha orientadora, professora Ingrid Fechine que me ajudou e orientou como por todos esses períodos.

Ao professor Jurani Clementino, pelas indicações de leituras e revisões do trabalho.

A meu irmão Deca e aos meus sobrinhos João Pedro e Manoel Lucas por eles estarem sempre presentes nos momentos importantes da minha vida.

Ao meu sobrinho mais velho e afilhado Matheus, que há 27 anos atrás quando concluía minha primeira graduação, nos agradecimentos eu falava da alegria e de momentos únicos de descontração que contrastava dos momentos tensos na vida acadêmica por ser o primeiro sobrinho e com apenas 1 ano de idade ele “vendeu” o Teatro Municipal em minha Colação de Grau, bagunçando “geral” e hoje, Matheus é quem está me ajudando na montagem do TCC e o orgulho maior, de ter um sobrinho Doutor em Engenharia Elétrica tirando um tempinho de sua vida profissional para ajudar seu “velho” tio.

As melhores irmãs do mundo Aparecida e Adalgisa, sem elas na minha vida, era tudo muito mais difícil, vocês duas são muito especiais, vocês sabem bem disso, o quanto vocês são importantes na minha caminhada, fui muito abençoado.

Por fim agradecer a minha base, a espinha dorsal da minha vida, sem ela tudo era muito mais difícil, a você minha Mãe todo o meu agradecimento, por tudo que a senhora fez e faz por mim, poderei voltar mil vezes para esse plano e não pagaria a dívida de gratidão que tenho com a senhora o quanto nos incentivou nos nossos estudos. Muito Obrigado por tudo, Professora Dona Conceição.

"Vou falar sobre esta festa e sua atenção, peço. Antes de ser conhecido passou por grande processo, transição e crescimento que agora, no momento, faz um enorme sucesso.

Antes, festejos em família. Mas já se comemorava e o forró pé-de-serra nas festas, nunca faltava. Dançava-se a noite inteira, apreciando a fogueira, parado ninguém ficava.

O fato é que nossa gente sempre gostou de forró, jovem, adulto e criança, juntos com um intuito só: Curtir as festas juninas, porque o São João de Campina sem duvidas, é o maior."(Adriano Alves)

RESUMO

Estudar os festejos juninos desde seus primórdios até se transformar e se denominar O Maior São João do Mundo, festa realizada durante 30 dias do mês de junho na cidade de Campina Grande, estado da Paraíba. O São João estava entranhado no povo campinense e foi decidido derrubar o antigo “palhoço” onde se concentrava os festejos juninos e construir o Parque do Povo, um espaço mais imponente onde houve ai uma conversão da festa num produto com função mercadológica. Apresenta-se os festejos juninos como tradição da cultura local e síntese de vários elementos de outras culturas que se fundiram ao longo do tempo. Evento reconhecido como a mais expressiva realização festivo-cultural do ciclo junino do nordeste brasileiro em virtude de sua grande estrutura organizacional, interesse turístico, cobertura da mídia, atrações artísticas, religioso, estética e enorme participação popular. Como também as manifestações identitárias e culturais do mundo nordestino junino, pertencentes ao um abrangente campo cultural. Descreve-se uma mistura de expressões sociais e artístico-culturais dos festejos conforme seu modelo de celebração, caracterizada por se inspirar decididamente histórico-religiosa da cultura junina-nordestina contemplando manifestações, tradicionais, mostradas de forma original ou adaptadas aos mecanismos de expressões da atualidade, além de admitir representações massivas da indústria cultural. Utiliza-se critérios com observações diretas e pessoais em diferentes cenários dos festejos, registros, além de pesquisas bibliográficas e midiáticas. A literatura apresenta as festas juninas do “Maior São João do Mundo” como sendo, simultaneamente, conservador na tradição, porque preserva em seus espaços fragmentos de discursos religiosos e folclóricos, bem como determinadas práticas e rituais de festejos juninos do interior, sendo uma invenção do mesmo. Os festejos do “Maior São João do Mundo”, em suma, podem ser vistos como uma manifestação da sociedade atual, que escolhe determinadas manifestações culturais e simbólicas, tal como é a festa junina e a transforma em verdadeiros fenômenos.

Palavras-chave: Cultura. Festejos Juninos. O Maior São João do Mundo. Religião.

ABSTRACT

June festivities have been studied since its inception until it became known as O Maior São João do Mundo, a festival held for 30 days in the month of June in the city of Campina Grande, state of Paraíba. São João was ingrained in the people of Campina and it was decided to tear down the old “palhoção” where the June festivities were concentrated and build the Parque do Povo, a more imposing space where there was a conversion of the party into a product with a marketing function. June festivities are presented as a tradition of local culture and a synthesis of various elements from other cultures that merged over time. Event recognized as the most expressive festive-cultural achievement of the June cycle in northeastern Brazil due to its large organizational structure, tourist interest, media coverage, artistic, religious, aesthetic attractions and huge popular participation. The identity and cultural manifestations of the northeastern world of Junino, belonging to a wide cultural field, are also analyzed. A mixture of social and artistic-cultural expressions of the festivities is described, according to its celebration model, characterized by being decisively inspired by the historical-religious nature of June-Northeast culture, contemplating traditional manifestations, shown in an original way or adapted to the expression mechanisms of today , in addition to admitting massive representations of the cultural industry. Criteria are used with direct and personal observations in different scenarios of celebrations, records, in addition to bibliographic and media research. Literature presents the June festivities of the "O Maior São João do Mundo" as being, simultaneously, conservative in the tradition, because it preserves in its spaces fragments of religious and folkloric discourses, as well as certain practices and rituals of June festivities in the interior, being an invention. The celebrations of the “O Maior São João do Mundo”, in short, can be seen as a manifestation of current society, which chooses certain cultural and symbolic manifestations, such as the June festival, and transforms it into real phenomena.

Keywords: Culture. June Festivities. O Maior São João do Mundo. Religion.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BTL	Bolsa de Turismo de Lisboa
Embratur	Empresa Brasileiro de Turismo
Fequajune	Federação das Entidades de Quadrilhas Juninas Estadual da Paraíba
FPA	Federação Paraibana de Atletismo
IBI	Integração, Cultura, Turismo e Cidadania
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	FESTA JUNINA: PLURICULTURAL	12
2.1	Um breve histórico	13
2.2	Influências, Símbolos e Significados	16
2.3	Dança de Quadrilha: uma dança de raiz francesa	17
2.4	O Sítio São João, um Cotidiano Rural	21
2.5	Fogueiras nos festejos juninos	21
2.6	Trem do Forró e Casamento Coletivo	23
3	O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO MUDIATIZADO	27
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
	REFERÊNCIAS	31
	ANEXO A Fotos	33

1 INTRODUÇÃO

A Festa Junina é um festejo brasileiro, porém de origem europeia, que durante a Idade Média foi propagado como Festa de São João, por se tratar de um ato religioso que exalta os santos católicos. Trazido para o Brasil ainda no período colonial, os festejos ganharam adaptações, assumindo uma ligação maior com as características brasileiras.

Estudar a Festa Junina e sua identidade cultural da nossa região foi algo de interesse, pois em alguns momentos históricos ainda éramos confundidos com a região norte do país.

O uso crescente da noção de cultura nordestina parece ter conexão com as transformações sociais que estavam se processando na sociedade brasileira quando ainda confundiam em chamar os autores do estados do norte (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p. 30).

Na construção desse artigo foram unidos a historicidade, as artes e o folclore na mesma abordagem. A partir do tema proposto, percebe-se que a identidade nordestina é composta de elementos multiculturais que se fundiram ao longo do tempo através de diferentes sujeitos, que trouxeram consigo seus costumes, hábitos alimentares, vestimentas, linguagens, crenças, danças e etc., formando um conceito novo de identidade.

A característica principal que observamos durante os estudos é que as Festas Juninas podem ser consideradas um apanhado de toda essa mistura cultural, devido a esta grande diversidade de culturas e raças que ajudaram a compor esta tradição. A escolha do tema foi motivada por a diversidade implícita na tradição da Festa Junina, esta capacidade de reunir num mesmo costume elementos distintos, de lugares diferentes que juntos ajudam a contar a história do povo nordestino, paraibano e campinense.

Neste artigo serão reforçados os estudos do potencial da nossa cultura, de nossa festa junina que será reestudo que partimos da década de 1930 até a idealização feita pelo Prefeito do Município Ronaldo Cunha Lima que denominou os festejos juninos de Campina Grande como “O Maior São João do Mundo”, quando na sua gestão foi construído a pirâmide do Parque do Povo. Esse reestudo histórico será sucinto e seguido da narrativa de como a festa junina de Campina Grande começou a fazer parte das festividades do nosso município, englobando assim vários aspectos desde a culinária a questões relativas à diversidade social, cultural e política.

Lima (2002) fala que o hábito de festejar os chamados santo juninos ou o ciclo junino é um costume antigo no Brasil e particularmente na região nordeste e na cidade de Campina Grande sempre fez parte do calendário das festas religiosas, como também sofreu influências culturais externas, símbolos e significados atribuídos à festa, como a

fogueira, os balões, fogos, bandeirinhas, a dança, a culinária, o casamento coletivo, bem como os hábitos e costumes culturais típicos do interior nordestino. Representados aqui e imortalizados na tradição das festas dos santos do ciclo junino que fez e faz parte da construção da história do Brasil e do povo nordestino na formação de seu povo.

2 FESTA JUNINA: PLURICULTURAL

As manifestações culturais fazem parte das mais diversas sociedades, nos permitindo compreender a forma como o ser humano encara o mundo. São várias as teorias que procuram compreender esses fenômenos. Essas teorias podem ser bastante difusas e nem sempre cumprem as mesmas funções para as diferentes manifestações culturais. É comum encontrar esses debates atrelados a questões políticas, econômicas e ou religiosas.

Trata-se de um esforço teórico e metodológico sobre identidade cultural, tradição e modernidade, com base nas manifestações culturais juninas na região de Campina Grande, estado da Paraíba.

As discussões aqui propostas abrangem aspectos variados como: as comemorações aos santos do ciclo junino, questões históricas, que remontam as memórias do São João do passado, a fabricação da festa como um espetáculo turístico, as especificidades, além dos elementos representativos, que revelam a identidade do nordestino e do campinense.

Entre os autores que ajudarão nesse debate estão: Elizabeth Christina de Andrade Lima, Durval Muniz de Albuquerque Júnior e Luciana Chanca.

Elizabeth Christina de Andrade Lima (2002) no livro "A Fábrica dos Sonhos" apresenta uma discussão bastante interessante sobre os festejos juninos no espaço urbano e analisa a instituição da festa junina de Campina Grande, neste livro ela investiga as práticas e os discursos que tornaram possível a existência dessa festa no espaço urbano. Para ela é uma festa "inventada" para atender as questões que envolvem cultura contemporânea política e economia.

Por se tratar de uma festa tradicionalmente festejada na zona rural, os festejos juninos comemorado em Campina Grande resignificou esse sentido, dando essa forma, de (re)invenção da festa no contexto urbano, denota uma apropriação e conservação da "tradição junina" em um novo espaço e uma nova temporalidade. A ideia de "festa da tradição, unida à construção do povo como "forrozeiro nato" e de Campina Grande como o lugar privilegiado do evento junino.

A invenção do Maior São João do Mundo como um acontecimento que promove, entre outras coisas, a recriação das figuras do cidadão e da cidade como cartão postal.

Seguindo essa linha de pensamento, Durval Muniz de Albuquerque Junior (2013) no livro "Feira dos Mitos" A fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920-1950), investiga em que momento histórico e em que condições históricas de possibilidade se deu a emergência da ideia da cultura nordestina.

O autor busca entender por que, sempre se fala, se escreve ou se tenta mostrar o que é a cultura regional nordestina, somos remetidos para um conjunto de manifestações

culturais, para materiais e formas de expressões ligadas a uma dada forma de organização social, a uma da sociabilidade, aquela que antecedeu a instalação no país das relações capitalistas de produção, da sociedade burguesa a da sociedade urbano-industrial.

Luciana Chianca, outra importante pesquisadora das festas populares destaca em seus trabalhos dinâmicas urbanas da sociedade brasileira contemporânea, buscando suas articulações com os territórios rurais.

Segundo Chianca (2007), "de origem europeia, os festejos juninos recuperaram no Brasil a sua expressão de festa laica e popular, mesmo com a influência da Igreja Católica desde sua colonização no século XVI". Ainda segundo a autora as comemorações relativas ao São João (ou ciclo junino) brasileiro que se inicia na véspera do dia de Santo Antônio (12 de junho) e se estende até o dia 29 de junho do mesmo mês (dia de São Pedro).

Lima (2002), Chianca (2007) e Albuquerque Júnior (2013) buscam mostrar que os festejos juninos os chamados também santos do ciclo junino, existem elementos a eles ligados como fogueira, os fogos de artifício, as quadrilhas, as danças, o forró e as comidas típicas da época são encontrados na produção folclórica e a descrição desse ciclo é uma manifestação da "cultura popular" sempre interpretada como uma festa de origem rural a cidade de Campina remontou toda essa produção em um espaço urbano.

E dessa forma, com ajuda destes três autores apresentados, irei desenvolver esse artigo perseguindo a origem dos festejos juninos e suas influências socioeconômicas, bem como questões referentes à identidade cultural desta sociedade e as questões que a compõem, analisando as antigas tradições conforme relatos retratados nos livros dos autores citados onde a o enfoque e em passagens históricas dos festejos juninos e o resgate dela para o presente.

2.1 UM BREVE HISTÓRICO

Os festejos juninos foram e tem sido muito estudado, pesquisado principalmente pelos folcloristas e várias interpretações desde a noção de uma tradição e o seu processo de identidade do seu povo ou de sua região.

As festas juninas foram trazidas para o Brasil pelos portugueses, ainda durante o período colonial, período este que o território brasileiro era apenas uma colônia do império português e por ele era administrado, sendo rapidamente incorporada aos costumes indígenas e afro-brasileiros que na época, eram condenados ao trabalho escravo e aliciados com o intuito de viabilizar interesses econômicos puramente europeus.

Além da influência portuguesa, nesta época, havia ainda uma grande influência de elementos culturais de outros países como a China, Espanha e França, cujas comunidades

também ambicionavam lucrar no Brasil, fato este que se configurou numa grande mistura racial e cultural.

Para alguns folcloristas impera a teoria de que a festa junina corresponde ao período do solstício de verão europeu, que no caso do Brasil acontece no solstício de inverno (PIMENTEL, 1907; BETTENCOURT, 1947; CASCUDO, 1954; ARAÚJO, 1977). Já para outros, os festejos juninos não possuem nenhuma referência com o solstício e dele independe (LIMA, 1961; OLIVEIRA, 1965; MORAES; FILHO, 1979).

O cristianismo deu um novo significado às práticas relativas à fogueira para criar uma festa eclética, considerando a fogueira como uma prática pagã. A Igreja retomou os seis meses entre o nascimento de João Batista e Jesus Cristo que ficou instituída a data e de comemoração de João Batista de tal maneira que as festas do solstício do verão europeu com suas tradicionais fogueiras se tornaram “fogueiras de São João”.

Com o passar do tempo, o significado e o nome original da festa, a princípio conhecida por Festa Joanina, foram descaracterizadas, pois a festa passou oficialmente a ser comemorada no mês de junho, mês em que se comemora a colheita do milho no Brasil. Daí o nome Festa Junina.

O festejo que marca o chamado ciclo junino - Santo Antônio, São João e São Pedro – e todos os elementos a ele ligados, como a fogueira, os fogos de artifício, as quadrilhas, as danças o forró e as comidas típicas da época, podem ser encontrados na produção folclórica: no entanto, a tônica que reveste a análise é a descrição desse ciclo como uma manifestação da cultura popular, comumente classificada como “nordestina”, sob o auspício da “tradição” (LIMA, 2002, p. 16).

Desta forma, compreende-se que apesar da influência externa, as raízes culturais brasileiras foram preservadas de alguma forma através dos festejos juninos, no momento em que os nativos passam a se preocuparem menos com o sentido religioso da festa herdado dos europeus e focar mais numa característica regional do país, misturando respectivamente o santo e o profano.

Como o território brasileiro é muito grande, com o passar do tempo as comemorações portuguesas foram agregando variações regionais, apesar de conservarem um núcleo religioso comum de louvor aos santos do mês de junho. Vários novos elementos foram incluídos nas comemorações ao longo dos anos, no entanto, os Festejos Juninos continuam sendo os guardiões da tradição secular de dançar ao redor do fogo. Atualmente, a celebração da fertilidade é representada pelo casamento e pela recepção aos convidados que o segue as oferendas deram lugar às simpatias, adivinhações e pedidos de graças que se fazem aos santos (RIBEIRO, 2006, p. 24-35).

No entanto, no campo das superstições, São João é tido como o santo do amor, além de ser muito “festeiro”, e um “amante das festas” também conta com outras atribuições como: adivinhações a simbologia da fogueira e nesse sentido, as práticas escrachadas, preenchem a tônica da festa e seu aspecto recreativo e lúdico.

As manifestações e festejos religiosos populares são sempre motivos para uma discussão em torno de posições contrárias entre o que é chamado de sagrado e o que é chamado de profano sobretudo quando observamos quando esses eventos festivos como produtores de conteúdos simbólicos, dentro de um processo de identidade e de pertencimento a um grupo, a um povo a um sistema de crenças.

No discurso folclórico conserva-se a representar, principalmente, os elementos integrantes da festa e o seu cenário, muitas vezes utilizando-se de um questionamento no qual as ideias de origem, seguimento e característica propiciam a construção de um olhar romântico, fixo, idêntico e uno para o fenômeno dos festejos juninos.

O costume de festejarmos os chamados santos juninos ou ciclo junino, já bem antigo no nosso País e sobretudo quando se trata da região nordeste, em Campina Grande na Paraíba, os festejos juninos sempre estiveram presentes nos festejos religiosos, mas o que foi observado é que até meados do início do século XX, esses festejos tinha uma característica de ser um evento a ser comemorado intimamente no seio familiar.

“São João é festa caseira ou quando muito de uma pequena parcela da comunidade. O ponto de convergência de todos os acontecimentos é o lar e quem predomina é sempre pater familia, ainda nos dias de hoje e por vezes, a mater. famílias, principalmente nos agrupamentos de descendência de africanos” (LIMA, 1961, p. 18-19).

As grandes confraternizações entre as famílias e alguns amigos eram feitas em fazendas, sítios e similares para comemorar a véspera de São João, enquanto isso na cidade, que praticamente se esvaziava, os que permaneciam tinham a escolha de ir aos clubes sociais. Para a população que não tinha acesso aos clubes sociais e nem possuíam propriedades rurais restavam a eles a irem para as caçadas de suas residências e acederem suas fogueiras ao som de fogos de artifício que eram lançados.

Em uma pesquisa do jornalista William Tejo, o mesmo conta que no final da década de 1930, Campina Grande já contava com clubes sociais como: Clube dos Caçadores, Ipiranga, Paulistano, Campinense, Clube 31 e Gresse, além desses existiam outros locais onde se faziam e comemoravam os festejos juninos em Campina Grande, entretanto, eram muito espalhados entre alguns bairros e essas manifestações dependiam da atitude individual por parte de moradores das ruas ou bairros.

Sendo assim eram armadas tendas e contratados por parte da organização um grupo musical para cantarem nos bailes. Tejo ainda narra que esses festejos juninos eram organizados por duas senhoras moradoras da cidade de nome Dona Mulata e Adelmá.

Dona Mulata era bem popular, era também envolvida com política partidária, era “arengueira” entre os moradores, mantinha uma escola para crianças pobres e que na época dos São João o baile por ela organizado era com entrada paga e era uma festa muito famosa por jovens da época seu “São João e São Pedro” criou fama.

O São João de Dona Mulata, esse sim era o mais popular. Dona Mulata armava uma enorme palhoça, contratava uma banda musical, cobrava a entrada, havendo disciplina e à custa dos ‘mal-encarados’ que tomavam conta do baile, para evitar brigas de bêbados, de moleques e até dos filhos de família. Era um festão. A palhoça ficava na rua dos Paus Grandes - hoje João Alves de Oliveira (TEJO, 1987, s/p).

Apesar da mistura de raças do povo brasileiro, somos muito mais definidos hoje pelas nossas semelhanças do que pelas diferenças. O que nos ajuda a entender que com os fatores que atingiu nesta associação de mistura de raças, surgiu uma nova estrutura social, que não ocultou por completo a identidade étnica brasileira em prol, mas que ambas foram adaptadas à nova realidade, convertendo o festejo junino em um evento festivo extremamente importante tanto cultural como político.

2.2 INFLUÊNCIAS, SÍMBOLOS E SIGNIFICADOS

Em meados do século XIX, portugueses, chineses, espanhóis e franceses influenciavam o Brasil com seus hábitos culturais peculiares, o que explica a origem de algumas simbologias e costumes praticados durante os festejos juninos. Os Festejos juninos são, portanto, um retrato das contribuições de cada povo à cultura brasileira.

Os festejos juninos variam de acordo com a região do país, sejam os tipos de danças, a culinária, o traje, fogos de artifício e comidas de milho. Cada região homenageia seus santos preferidos, mas sempre com destaque para os santos juninos. São festejos que se comemoram com novenas, trezenas nas quais estão presentes as fogueiras, os fogos de artifício, muita comida onde já se reconhece a parte profana da festa.

Estes símbolos culturais que fazem parte do cenário dos festejos juninos referem-se não apenas à tradição da festa, mas também a cultura regional. Assim, no cenário da festa, encontram-se uma série de componentes da cultura brasileira sob forma de simulações, como a localização da festa, os casamentos matutos, que se entrelaçam tanto no universo simbólico de modo de vida rural quanto ao modo de vida urbano.

Dentre os santos do ciclo junino, São João Batista é considerado, entre os folcloristas, como o santo do amor e do erotismo. Sua “fama” faz dele uma espécie de mago com poderes de ajudar a seus consulentes a encontrar um amor. O oráculo das adivinhações é o instrumento utilizado para responder as questões dirigidas ao santo, na véspera e no dia em que se comemora o seu nascimento. 23 e 24 de junho. Sobre as “advinhas de São João” consultar os trabalhos de Melo (1949) e Cascudo (1983) (LIMA, 2002, p. 17).

As manifestações da religiosidade popular enfatizam a relação entre o catolicismo popular e os festejos religiosos se tenta encaixar, portanto a discussão em torno da oposição entre os espaços sagrado e profano e busca acima de tudo, colocar esses eventos festivos como produtores de significação simbólica, assim como a criação de métodos afins a partir da noção de pertencimento a um determinado grupo, a um povo e a um sistema de crenças.

2.3 DANÇA DE QUADRILHA: UMA DANÇA DE RAIZ FRANCESA

O grande ícone dos festejos juninos é sem dúvida as quadrilhas juninas, com passos afrancesados, como anarriê, outros bem brasileiros como o caminho na roça, também são constituídos também por outros elementos que ajudam a compor todo o festejo, como as bandeirinhas coloridas, balões e as fogueiras. Esse grande símbolo definitivamente não pode ser esquecido em um festejo junino.

A quadrilha era uma dança muito popular entre a aristocracia no século XIX, época em que chegou no Brasil. Foi reencontrada e reinterpretada pelo povo, teve novas figuras e comandos acrescentados e é composta de cinco partes ou mais, com movimentos vivos. Posteriormente, foi adotada por diversos compositores nacionais – ganhando um “sotaque” brasileiro – e denominou-se por todos o país, fazendo com que aparecessem variações regionais. A lembrança da influência francesa se faz presente até hoje, nas quadrilhas juninas, onde a evolução dos pares se faz guiar por palavras francesas aportuguesadas: changer (change - trocar), “anavam” (avant - em frente), “anarriê (em arrière – para trás), “tur” (tour – fazer uma volta), “balancê” (balancer – balançar o corpo) (RIBEIRO, 2006, p. 28).

Onde houver um evento de festejo junino sempre uma quadrilha estará se apresentando e marcando sua presença, pois é ela que ajuda a originar e a compor toda uma ilusão em redor do festejo junino como uma festejo rural, através por exemplo, de seus trajes e roupas, como: saias ou vestidos com muitas rendas e babados para as moças; calças remendadas com tecidos coloridos, e camisas com mesma estampas dos remendos

além de chapéus de palhas para os rapazes. E todos já trajados de forma caipira está formado aí a indumentária típica dos festejos juninos.

As quadrilhas juninas colaboram substancialmente, na construção da composição por pertencimento da festa como um evento descomprometido, ilibado, puro, como deve ser uma festa original estabelecida dos princípios cheios de valores dos nossos antepassados, como uma festa extraordinária com uma heterogeneidade e mistura de muita alegria e de originalidade.

Hoje em dia, as quadrilhas não são dançadas apenas nos festejos juninos, pois elas em cidades que tem como uma fonte o turismo dos festejos do ciclo junino, elas estão presentes na maioria dos eventos que a cidade promove independente qual for o citado evento envolvendo os festejos ou não, é um sentimento de pertencimento.

As quadrilhas juninas são utilizadas ainda como meio de socialização, entretenimento e aprendizado na criação do fabuloso festejo junino. Geralmente é realizada em escolas desde o maternal ao ensino médio, durante o mês junino, essas apresentações de quadrilhas se transforma em encontros festivos de confraternizações entre alunos, suas famílias e professores. Quem de nós nordestinos, nunca participou e nem dançou em uma quadrilha junina na escola quando éramos crianças ou na época da adolescência? E nossos pais nos vestindo de caipirinhas para dançar as quadrilhas.

Particularmente na cidade de Campina Grande, nos anos de 1950 ainda não havia quadrilha de rua, havia sim fogueiras, o tradicional São João em granjas. Segundo o jornalista William Tejo, a senhora Amenaide Santos foi quem teve a iniciativa de organizar a primeira quadrilha de rua, convidando as suas amigas para confeccionarem balões no interior de sua casa. Elas passavam mais de 20 dias, confeccionando as decorações com motivos juninos, como também ensaiando a quadrilha. Essa senhora, como o próprio jornalista conta, mudou as comemorações de São Pedro dos clubes para as ruas.

A festa junina em Campina Grande toma um novo ímpeto: não é só criada outra quadrilha junina em Campina Grande, a exemplo da primeira quadrilha junina infantil, no ano de 1964, por iniciativa de Déa Cruz, proprietária do então Colégio Stellita Cruz, essa instituição não existe mais, surge no ano de 1971 o primeiro São João de rua, a partir de uma iniciativa de Carmita Araújo que, na época residia na Rua da Floresta, hoje Rua Coronel João Lourenço Porto no centro da cidade, igualmente foi ela uma das precursoras das quadrilhas de rua na cidade. Outras quadrilhas juninas vão sendo criadas no decorrer da década de 1970 como das ruas Ouro Branco, no bairro da Palmeira e a da Getúlio Vargas no centro da cidade (LIMA, 2002, p. 36).

Ao longo dos anos surgiram outras quadrilhas na cidade, como também uma

certa descaracterização das chamadas quadrilhas tradicionais ou quadrilhas caipiras, tais transformações ou descaracterização provocaram e provocam discursos em torno ao caráter de tradição e ao respeito as origens que vêm ano após ano perdendo suas características em decorrência de um contínuo processo de estilização.

Atualmente as quadrilhas juninas de Campina Grande são reconhecidas como instituições representativas do Maior São João do Mundo, dividem-se em dois tipos: as tradicionais, também chamadas de matutas ou caipiras, e de estilizadas, apresentadas respectivamente nas fotografias das Figuras 1 e 2, presentes no Anexo A.

Ambas organizadas em associações, são motivadas pela competitividade nos festivais realizados no decorrer de cada ano em diferentes localidades, havendo agremiações que participam em concursos regionais e nacionais. O principal local destinado às apresentações é a Pirâmide do Parque do Povo, onde também acontecem as mostras competitivas e o Festival de Quadrilhas do Nordeste promovido pela Rede Globo Nordeste.

O concurso Paraíba Junino do ano de 2019 recebeu parte das quadrilhas juninas na etapa de Campina Grande, com apresentações no Parque do Povo com o apoio da Prefeitura Municipal de Campina Grande e Federação das Entidades de Quadrilhas Juninas Estadual da Paraíba (Fequajune-PB).

As quadrilhas tradicionais seguem os parâmetros da configuração antiga com personagens da vida rural, os matutos, como homens vestindo caças e camisas remendadas, camisas quadriculas ou listradas, chapéu de palha, barbas pintadas e dentes tingidos de preto para simular que não existem. Enquanto as mulheres usam vestidos de chita, cabelos presos e maquiagem característica saturada e com pintas.

Suas danças são acompanhadas pelas músicas de trios pé de serra e sob o comando de um marcador, que se utiliza de um roteiro com conhecidos termos adaptados da língua francesa, a exemplo de alavantú (avançar) e anarriê (recuar).

Mais que as tradicionais, as quadrilhas estilizadas são estruturadas com um importante objetivo de competir, organizando-se, então, com maiores cuidados com o tema, figurinos, adereços, música, enredo, evolução, harmonia, coreografia, animação e marcador, recebendo notas quando se está em disputa.

Em alguns concursos há premiações especiais para alguns quesitos, a exemplo do casamento, marcador, rainha, noivo, noiva e tema. As quadrilhas juninas estilizadas fazem de tudo para incrementar suas performances. As juninas estilizadas procuram ser criativas em todos os quesitos, utilizando figurinos luxuosos com tecidos de alto padrão.

Para as mulheres, maquiagens especiais, vestidos ou saias volumosas, rodeadas de fitas de cetim, cintas-ligas de renda, grandes arranjos florais ou apliques nos cabelos,

que ainda podem receber penteados especiais, além de sapatos de salto alto. Para os homens, camisas lisas com colarinho, ou com estampas coloridas combinadas ao figurino de seus pares, assim como as calças, chapéus e sapatos.

Muitos desses grupos também distribuem suvenires entre os espectadores e jurados. Diferentemente das quadrilhas tradicionais, as quadrilhas estilizadas utilizam a base musical das bandas de forró. Em muitas apresentações, além do trio de forró (sanfona, zabumba e triângulo), instrumentos como o saxofone, guitarra, flauta, clarinete, além do vocal composto por até três cantores.

As quadrilhas com mais recursos financeiros contratam trios de forró e até bandas de forró para acompanhá-las, com exclusividade, durante o período de apresentações e alguns ensaios. As sofisticções e as mudanças dos grupos estilizados, mesmo obedecendo às regras das competições, têm provocado algumas críticas de olhos mais conservadores, que não concordam com suas modernas configurações, já que elas prejudicariam o caráter original e tradicionalista das quadrilhas juninas.

Não se pode agora afirmar que são ou não quadrilhas juninas as danças com enredos cômicos, dramáticos, e críticos que se apresentaram na pirâmide do Parque do Povo, mas são espetáculos organizados que nos chamaram atenção não só pela beleza, mas sobretudo, pela sua origem na periferia da cidade. Melhor dizendo organizado por jovens que vivem próximos as experiências dos excluídos, dos mais marginalizados pela sociedade. É visto nas “quadrilhas estilizadas”, ou mesmo nessas manifestações culturais o início de um novo gênero misto de dança e folguedo, tradicional e moderno, com grande potencial de comunicação desses jovens com o mundo a fora (TRIGUEIRO, 2007, s/p).

Como se não bastasse ter o título de Maior São João do Mundo, Campina Grande, na Paraíba, realizou o Maior Quadrilhão Junino do Mundo. A cidade conseguiu o feito de ter a maior quadrilha junina do mundo, recorde esse que desde 2017, coloca Campina no topo de mais um feito, para abrilhantar ainda mais os festejos juninos da cidade. E ser mais um evento para divulgar essa festa, que há 35 anos é um sucesso absoluto. Para se ter ideia o primeiro recorde foi com 628 casais onde a cidade de Caruaru detinha a marca de 377, no último São João realizado em 2019, a cidade de Campina Grande bateu seu próprio recorde colocando no Parque do Povo mais 1000 casais, tornando a cidade detentora do Maior Quadrilhão do Mundo.

Nas Figuras 3 e 4, no Anexo A, são apresentadas fotografias da organização do Quadrilhão do ano de 2019, último evento realizado. Já na Figura 5, também no Anexo A, é apresentada a fotografia de uma extensão do evento do Quadrilhão, no qual foi organizado o Bolo de Milho Gigante.

2.4 O SÍTIO SÃO JOÃO, UM COTIDIANO RURAL

O Sítio São João, apresentado na Figura 6 no Anexo A, baseia sua atratividade no tradicionalismo, na cenografia de um pequeno vilarejo rural nordestino, na forma de um museu natural, com muitos detalhes do cotidiano da vida do campo de tempos passados. O responsável pelo projeto, criação, organização e execução do Sítio São João desde sua primeira realização é João Dantas, dramaturgo campinense com mais de 30 anos de atuação nas áreas de documentação histórica.

O Sítio é composto por imóveis, mobiliários e demais produtos tradicionais do mundo nordestino rural, Casa principal com armazém, bodegas, igreja e cruzeiro, casa de farinha, engenho motriz de cana-de-açúcar com produção artesanal de rapadura, tipografia e cordelaria (oficina para produção de cordel) poste com iluminação à querosene e palhoção para apresentação das atrações musicais.

Um conjunto de construções e diferentes materiais típicos da arquitetura do interior nordestino, reconhecido como um destaque do grande evento que é “O Maior São João do Mundo” como também a riqueza de detalhes, composta por grande diversidade de produtos, repleta de alimentos salgados, peixe seco, charque arroz de palha, café em caroço, foices, enxadas, fumos de rolo, com a função de representar fielmente uma pequena propriedade rural de forma mais autêntica possível.

Toda sensibilidade dos visitantes, despertada pelo Sítio São João, a emotividade decorrente de seus simbolismo memoriais, é facilitada e ampliada pela interação proporcionada pelas atividades ali desenvolvidas. Tem o sentido de representação da cultura nordestino-paraibana de base rural cujo formato de museu natural se mostra como uma convincente ritualização dos usos e costumes tradicionais, cuja eficácia se amplia pela construção visual e interatividade.

2.5 FOGUEIRAS NOS FESTEJOS JUNINOS

Como a festa junina é realizada num mês mais frio e sempre ao ar livre, passaram a acender enormes fogueiras para que as pessoas se aquecessem ao seu redor, no entanto, elas ainda carregam consigo uma simbologia especial. Nos festejos juninos é comum aos brincantes pularem a fogueira, esta simbologia está relacionada com a forma de sociabilidade que foi característica da sociedade brasileira até meados do século XX.

Conforme Rangel (2002): “Quanto mais alta a fogueira, maior era o prestígio de quem a armou”. Era comum, ao realizarem este ritual de pular a fogueira recitarem versos: “São João dormiu, São Pedro Acordô vamo sê cumpadre que São João mandô”.

As relações familiares eram contempladas pela instituição do compadrio, que servia para integrar outras pessoas à família estreitando assim laços entre

vizinhos e entre patrões e empregados. Havia duas formas principais de tornar-se compadre e comadre, padrinho e madrinha: uma era, e ainda é pelo batismo; e outra, por meio da fogueira. Nas festas de São João, os homens, principalmente, formavam duplas de compadres de fogueira: ficavam um de cada lado da fogueira e deveriam pular as brasas dando-se as mãos em sentido cruzado (RANGEL, 2002, p. 23).

A forma de parentesco espiritual é bastante corriqueira na região nordeste e na tradição cristã é comum também no Brasil rural e no urbano, é também comumente chamado de compadres de fogueiras bem presente em estados como a Paraíba, é uma relação que implica respeito e consideração entre as duas partes, e podemos incluir algumas obrigações recíprocas no que à ajuda de ambas as partes este tipo de proteção é chamado de “horizontal”.

Como não existe uma condição hierárquica entre compadres e apadrinhados isso faz com que se reforce as relações de igual para igual, que já existe nesse grupo, constituído sobre a relação de amizade e parentesco consanguíneo. A ligação entre compadres tem um cunho puramente cristão, constatado do parentesco espiritual. Para se evitar algum laço que não seja o afetivo espiritual havia também uma proibição sexual entre os compadres segundo os lugares e épocas tanto para o batismo cristão e o compadrio de fogueira e o personagem bíblico seria o São João Batista o chamado patrono dos padrinhos, fundador emblemático da proibição do incesto no texto bíblico.

Outra lenda brasileira relativa ao desprezo do tabu preconiza que como punição aos compadres ‘pecadores’ – que podem ser também, exemplarmente um padre e uma mulher – eles se transformarão em Batatão, Boitatá, Mula sem Cabeça ou Fogo Fátuo (QUEIROZ, 1987, p. 53), nomes diferentes de criaturas encantadas. “luz azul-avermelhada muito brilhosa que gira em torno de um círculo e que se divide em várias partes, sempre girando antes de desaparecer.” (CASCUDO, 1988, p. 239).

O que se compreende com esta mudança de significados acerca da simbologia da fogueira utilizada durante os festejos juninos é que, algumas culturas, alguns, momentos querem se sobrepor a outras. Logo, a cultura ocidental, tida como dominante não aceita a versão pagã, herdada das aldeias indígenas, impondo seus próprios dogmas para explicação de um ritual que seria genuinamente pagão, mas que ganha uma versão politizada para que os indivíduos continuem a prática de acender fogueiras, mas não abstraíam o sentido religioso dos festejos juninos.

Dentre as atrações dos festejos juninos da cidade de Campina Grande a fogueira cenográfica que mede 15 metros de altura por 5 metros de diâmetro com uma estrutura

também de ferro, mas na parte cenográfica ela é totalmente revista por um tecido para que se mantivesse leve na estrutura, ela passa uma ideia de que seja um enorme tronco de madeira sobrepostos um sobre o outro e para conceber que ela esteja em brasas se tem efeitos de luz e o som da madeira queimando em chamas. Até o ano de 2012, a fogueira era instalada na margem do Parque do Povo, em um ponto mais elevado, dando destaque à sua estrutura, conforme apresentado na Figura 7 do Anexo A.

A construção dessa fogueira cenográfica que nos últimos anos ela tem “passeado” pelo Parque do Povo sempre está sendo mudada de lugar, algumas vezes fazendo parte da cidade cenográfica, conforme apresentado na fotografia da Figura 8 do Anexo A, outras vezes ficando isolada na parte superior do Parque, consolidando em mais um esforço de induzir um significado de autêntico e similar a tradição dos festejos juninos, sendo um dos mais destacados símbolos do São João tanto no espaço rural e agora urbano.

A coordenação do São João de Campina Grande teve como ideia básica da construção da cidade cenográfica para se remeter a um festejo junino rural com todos os seus símbolos e a fogueira não podia deixar de estar presente dentro de todo o cenário. Dentre todas as atrações nos festejos juninos do Maior São João do Mundo em Campina Grande está a “Corrida da Fogueira”, uma prática desportiva que em nada tem a ver com tradições juninas, um evento exemplarmente urbano, mas vem como mais um implemento de atração turística para os festejos junino do município.

A Corrida da Fogueira teve sua última edição a 39ª no ano de 2019, com a participação de mais de 1300 atletas. O evento é promovido pela prefeitura e já se tornou tradição na programação do “Maior São João do Mundo”. O evento se tornou tão importante que recebe atletas de outros estados e até de outros países a exemplo da Espanha e Estados Unidos, além de valer pontos para o ranking da Federação Paraibana de Atletismo (FPA), como nos contou o Coordenador do evento, Bruno Mendes.

2.6 TREM DO FORRÓ E CASAMENTO COLETIVO

A grande novidade do “Maior São João do Mundo”, de 1989, foi o Trem do Forró, mais uma grande atração para os festejos juninos de Campina Grande era um passeio que tinha como compromisso que visava alcançar lazer aos turistas durante o São João e uma integração entre a cidade de Campina Grande e os municípios circunvizinhos.

O passeio “ferroviário” quando da sua criação era uma viagem que saía da Estação Velha em Campina Grande até as Itacoatiras na cidade de Ingá, onde se visitava as pedras em um sítio arqueológico com pinturas e inscrições rupestres. O passeio no trem é colocado para quem visita o “Maior São João do Mundo” como um caminho, uma ocasião de vivenciar uma ilusão, não só dos festejos juninos, mas da ligação mais profunda com suas raízes, uma espécie de pertencimento.

Não da parte árida do nordestino do interior da Paraíba, mas do sentido de festejar, de comemorar os santos do ciclo junino, uma viagem onde você pode encontrar uma rara paisagem, uma vegetação única e exclusiva do Brasil e abundantemente rica da fauna e da flora paraibana.

O passeio a cidade de Ingá só aconteceu até o ano de 1991, ficando impossível após esse ano devido às precárias condições das linhas férreas. Os promotores do evento, assim, mudaram o percurso, passando a sair de João Pessoa para Campina Grande, sendo batizado de a “viagem da integração”.

Inicialmente houve uma parceria da Coordenação do São João de Campina Grande e a Rede Ferroviária Nacional para a promoção do “Trem Ferroviário”, existe um intervalo de sete anos sem o trem do forró, voltando no ano de 1997, com uma nova mudança no itinerário do passeio seu novo percurso agora partia da estação velha em Campina Grande, para o distrito de Galante, os promotores do passeio do “Trem Ferroviário” incentivam assim aos turistas uma nova maneira de se integrar a área rural do distrito onde em todo seu percurso se tem a oportunidade de ver belas paisagens bucólicas de extensas áreas verdes em virtude de ser uma época do ano que tem um relativo longo período de chuvas, o visual impacta, surpreende aos turistas e desmistifica aquela ideia que o Nordeste é feio, seco e pobre.

Em 1997 o passeio do “Trem Ferroviário” é retomado, exatamente no ano em que a cidade comemora os 90 anos da chegada do primeiro trem a Campina Grande, em 1907 – o trem permite o escoamento e o transporte do principal produto da época na cidade, o algodão, colocando Campina Grande no destaque de 2ª maior exportadora de algodão do mundo; a primeira foi Liverpool na Inglaterra. E como a data é sugestiva, a coordenação do evento preparou o discurso de que o passeio no “Trem Ferroviário” resgata a história de Campina Grande e principalmente, a nossa cultura (LIMA, 2002, p. 135).

Dia 13 de junho é marcado como o dia de Santo Antônio – santo mundialmente conhecido por interceder por quem quer encontrar o amor da vida ou para resolver conflitos com a pessoa amada. Além disso, Santo Antônio, apresentado na pintura da Figura 9 do Anexo A, também é o padroeiro dos pobres e ajuda as pessoas a encontrarem objetos perdidos.

Fato interessante a respeito de se recorrer ao Santo Antônio, é que eu já pedi a interseção de Antônio para ele me ajudar a encontrar um objeto que tinha esquecido onde tinha guardado e por incrível que pareça eu encontrei o objeto assim que pedi a ajuda do santo que sou devoto.

Santo Antônio – ou Fernando Antônio de Bulhões – nasceu na cidade de Lisboa, Portugal, no dia 15 de agosto de 1195. Aos 19 anos, foi contra a vontade de seu pai ao entrar para o Mosteiro de São Vicente dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho, onde teve uma vasta biblioteca para incentivar seus estudos, dos quais gostava tanto.

Em 13 de junho de 1230, com apenas 36 anos, Santo Antônio morre em Pádua, na Itália, motivo pelo qual ele passou a ser conhecido como Santo Antônio de Pádua – além de Santo Antônio de Lisboa, graças a sua cidade de origem.

Acredita-se que em Nápoles, uma moça percebeu que sua família não teria dinheiro para pagar o dote necessário para que ela se casasse – como era de praxe na época. Assim, ajoelhou-se aos pés de uma imagem do santo e pediu sua intercessão. Então, milagrosamente, ele apareceu e entregou a ela um bilhete que dizia para que ela procurasse um certo comerciante, no qual lhe daria a quantidade de moedas que equivalesse ao peso desse papel.

Ela encontrou o tal comerciante e deu a ele o bilhete. O homem fez pouco caso, pelo simples fato de que o bilhete não pesaria aquilo tudo, mas para o espanto de todos foram necessários 400 escudos de prata para que o peso atingisse o equilíbrio entre o bilhete e o peso final. Nesse momento, o comerciante se lembrou que havia prometido o mesmo valor ao santo e nunca tinha cumprido a promessa. Assim, Santo Antônio cobrou sua dívida ajudando a moça a se casar, criando a fama de santo casamenteiro. Santo Antônio é um dos santos mais comemorados durante os festejos juninos e é, com certeza, o que mais possui devotos no Brasil.

O devoto de Santo Antônio gosta de ter sua imagem pequena para poder carregá-la. Há também a designada “trezena”, que é uma cerimônia dedicada ao santo do dia 1 ao dia 13 de junho, com cânticos, fogos, comidas e bebidas e uma fogueira com o formato de um quadrado.

Ainda há um outro costume que é muito praticado pela igreja e os devotos de Santo. Todo dia 13 de junho, as igrejas distribuem aos pobres e afortunados os famosos pãezinhos de Santo Antônio. A tradição diz que os pãezinhos devem ser guardados dentro de uma lata de mantimentos, para garantir que não faltará comida durante o ano.

A maior festa do interior do nordeste brasileiro “ O Maior São João do Mundo” não por ser trinta dias de festa, mas por movimentar mais de 1 milhão de pessoas e dentro dessa festa tão grandiosa e numa maior demonstração de construção de imagens para serem difundidas pela mídia é apresentada uma nova atração que é a realização do Casamento Coletivo, evento que teve sua estreia no dia 13 de junho de 1989.

É um evento que ao passar dos anos se consolidou nesses últimos trinta anos com histórias marcantes vivenciadas por mais de 3000 casais que participaram desta cerimônia desde 1999. Para abrilhantar a noite de Santo Antônio deste ano, onde 26

casais se reuniram diante de um Juiz de Direito e que no momento mais esperado do casamento o “Sim” teve um flash ao vivo do Programa Domingão do Faustão” da Rede Globo de Televisão.

Para melhor detalhar a realização do “Casamento Coletivo”, bem como seus desdobramentos, é necessária uma digressão etnográfica do que se observa sobre o evento. É de suma importância o recurso á etnografia para compreender as minúcias e diferenças entre a forma e imagem e os discursos são apresentados para a opinião pública e o fato observado tal como aconteceu; em outras palavras, é necessário atentar para o dito e o não dito, bem como para as diferenças de significados e sentidos (LIMA, 2002, p. 97-99).

Com o passar dos anos o Casamento Coletivo foi crescendo de acordo com os festejos juninos de Campina Grande, foi nessa junção de cultura, da tradição, religiosidade dentro de um contexto social nordestino e a valorização do seu povo que esse evento foi criado para prestar um serviço a comunidade carente da cidade como também para divulgar a festa do “Maior São João do Mundo”.

Após a apresentação dos fundamentos teóricos, foi feita uma revisão bibliográfica, a qual é apresentada no próximo capítulo, a qual faz um levantamento do estado da arte e um estudo crítico do mesmo.

3 O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO MEDIATIZADO

A cobertura midiática é parte efetiva e indispensável das grandes festas no País, não seria diferente aqui em Campina Grande no “Maior São João do Mundo” principalmente do veículo de maior cobertura, a televisão, iniciativa que amplia enormemente a participação popular. O Maior São João do Mundo é o evento da Paraíba que mais recebe o foco da mídia. É pauta de várias edições dos diferentes telejornais da Rede Globo, líder de audiência no Brasil, assim como das demais TV abertas, como SBT, Record, Bandeirantes e Rede TV.

As pautas de programas telejornalísticos, inclusive programas de auditório, a exemplo do Domingão do Faustão, representa forte apelo promocional com amplitude e visibilidade em todo o País. Os festejos juninos de Campina Grande é alvo de incalculável número de matérias nas emissoras de rádio e TV regionais, como também em veículos impressos.

O veículo que mais interage e se aproxima dos festejos juninos de Campina Grande é o rádio, contando com transmissões diretas, ao vivo do Parque do Povo, por meio de repórteres destacados especialmente para cobrir os 30 dias da festa. A publicidade do Maior São João do Mundo na programação diária das emissoras de rádio e televisão de Campina Grande e João Pessoa acontece a todo momento.

Uma das estratégias utilizadas pelos organizadores da festa do Maior São João do mundo é ter a imprensa como seu principal aliado; é ela que ajuda na criação de um perfil para a festa, que sinaliza para seu sucesso ou para o seu fracasso, é, portanto, instrumento de saber e de poder. Sua linguagem seduz, inquieta, provoca a criação de um dever. É tática estrategicamente articulada para transmitir um determinado tipo de discurso que objetiva atingir determinados fins. Nunca é uma linguagem aleatória, desprovida de sentidos e interesses, pelo contrário, ela é um poderoso instrumento de criações imaginárias (LIMA, 2002, p. 191).

O zelo por parte dos organizadores com a personalização o sentimento de pertencimento¹a orientação cultural, acaba recaindo nas discussões sobre a programação textual e visual das peças publicitárias, os temas a serem empregados, entre outros quesitos.

Na verdade, as administrações que já passaram no município elas possuíam uma mesma estratégia por incrível que pareça inteligentes na composição cultural dos

¹ Pertencimento, ou o sentimento de pertencimento é a crença subjetiva numa origem comum que une distintos indivíduos¹. Os indivíduos pensam em si mesmos como membros de uma coletividade na qual símbolos expressam valores, medos e aspirações. Esse sentimento pode fazer destacar características culturais e raciais.

festejos juninos, mesmo abrindo grandes espaços para produtos adequados da indústria cultural, insiste em seus discursos político-promocionais no sentido de que o evento é eminentemente uma realização que resgata e fomenta a cultura popular em seus modelos mais tradicionais.

No decorrer de todos esses anos a mídia sobretudo a nível de nosso estado e a região nordeste de uma maneira bem prática elas exercem o papel de construir os festejos, os meios de comunicação passam a apresentar igualmente como uma espécie de termômetro a verificar o prestígio do evento, este é o poder da imprensa, o poder da mídia, ao mesmo tempo ela cria o produto e o utiliza como lhe aprouver, utiliza os mais diversos recursos para consolidar uma circunstância através da aplicação e nos dão uma noção de pertencimento.

Foi imprescindível para institucionalizar os festejos do Maior São João do Mundo como um fenômeno este localizado em Campina Grande a participação da imprensa, a divulgação em âmbito nacional, a repercussão do sucesso da festa de São João da cidade romperam os limites do estado e porque não dizer do Brasil, passando ocupar também espaços de divulgação com maior abrangência no mundo inteiro.

O governo da Paraíba divulgou no ano de 2014 o “Maior São João do Mundo” na Bolsa de Turismo de Lisboa (BTL), que aconteceria entre os dias 12 e 16 de março de 2014 na capital lusitana, conforme apresentado na Figura 10 do Anexo A.

Já no ano de 2017, as festas juninas brasileiras, que comemoram os dias de Santo Antônio, São João e São Pedro, chegaram no dia 21 de abril de 2017 a Madri com um programa de nove dias de música e dança, com artistas como Pé de Cerrado e Quinteto Violado e uma grande variedade gastronômica. Uma das fotografias da divulgação é apresentada na Figura 11 do Anexo A.

As atividades foram até o dia 30 de abril no Centro Cultural Casa do Brasil graças à iniciativa do Instituto Brasileiro de Integração - Cultura, Turismo e Cidadania (IBI) e o Empresa Brasileiro de Turismo (Embratur). O objetivo da ação foi promover o potencial turístico dessas festividades em cidades como Campina Grande, no estado da Paraíba.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os festejos juninos consistem em estudo sobre a condição do homem no decorrer da história. A simbologia explícita na tradição da festa nos conduz a uma reflexão sobre o quanto o homem luta para atravessar, superar suas dificuldades, seus problemas diários e se manter firme em seu propósito, mesmo que ele viva em condições análogas em sua própria terra, ou viva esta condição na terra para onde migrou.

Albuquerque Júnior destaca em seu livro “A feira dos Mitos” de casos de retirantes nordestinos mesmo que trabalhando no sudeste do país e de uma forma já estabelecido, quando chega a época dos festejos juninos no nordeste, a saudade é tamanha que em muitas das vezes eles largam tudo que até agora tinham conseguido e voltam para seu povo, pois a identidade e o sentimento de pertencimento é maior do que tudo que eles “conseguiram no sul”.

A tradição não é algo fantasioso, existe, sendo perceptível no conjunto de procedimentos, costumes e crenças de uma dada sociedade, que se repetem no passar dos tempos, sobrevivendo na vida das pessoas, fazendo parte de práticas e conjunto de memórias passadas a gerações que se sucedem, que, alteram-se gradualmente.

Fato é que, através das manifestações culturais como os festejos juninos, mantém-se viva as tradições e costumes de um povo, preservando desta forma sua identidade para as gerações futuras, mantendo vivas as práticas que foram se perdendo com o passar dos anos. Os fenômenos abordados e seus respectivos temas transcritos nesse artigo serve de identificação e análise do estudo e essência das coisas e como são percebidas na festa de São João de Campina Grande.

Considerando os aspectos singulares de suas ocorrências, assim como a construção cultural de diferentes indivíduos ou grupos de pessoas envolvidas no evento, mesmo que apenas na participação, na observação de suas articulações em processos de interação com os demais agentes sociais.

Com as festas juninas, sentimo-nos seguros em nossas experiências pessoais, de lembranças de como eram tais festejos em Campina Grande antes do Maior São João do Mundo, importantes e significativas para as vivências familiares e sociabilidades comunitárias, em sua singeleza, para a reunião de vizinhos, amigos e familiares: fogueiras, quadrilhas, literatura de cordel, casamentos e sua culinária.

Outra característica é que, com a modernidade, os festejos juninos ganharam reconhecimento na mídia e ganhou status de espetáculos, atraindo turistas, patrocínios e investimentos, porém, o resultado pode soar ligeiramente como uma perda de sentido, tornando os festejos juninos um objeto de consumo, quando, em sua essência, esta festa era uma história mais intimista e familiar.

Tempos em que ninguém imaginava que uma celebração do tipo poderia contar com espaço, tão amplos e reunir dezenas e milhares de pessoas. Contar com shows de cantores famosos, celebridades e ser um mundo de transversalidades culturais, ter o formato da festa do povo de Campina, enfim tão imitado por muitas outras localidades nordestinas em maior ou menor grau.

Creio no potencial produtivo dos agentes culturais de nossa cidade, vislumbro para Campina Grande e sua grande festa amplas possibilidades dentro dos parâmetros da tradição e da cultura do povo campinense o sentimento de que a fabricamos um festejo junino em um espaço urbano sem perder o sentido de uma festa rural e reafirmo dentro de um contexto da festa de São João e reafirmo que o envolvimento do povo de campina é preponderante para o sucesso da festa.

Campina Grande assume, incentiva e consome as flutuações culturais da atualidade. Ao realizar um evento temático guiado por fortes tradições, porém expressos por grande potencialidade tecnológica. Reinventa tradições na linguagem da eletrônica do Parque do Povo, comprovando que questões da identidade, cultura, tradicionalismos ou inovações não são geográficas, mas inerentes ao conteúdo evolutivo que se abre a modernidade, cosmopolitas e trocas com o mundo global.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. **A feira dos mitos. A fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920-1950).** São Paulo: Intermeios, 2013.
- ARAÚJO, A. M. Alceu maynard. **Cultura popular brasileira.** 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1977.
- BETTENCOURT, G. de. **Os três Santos de Junho no folclore brasílico.** [S.l.]: Agir, 1947. v. 1.
- CAMPINA, V. **Uma história arretada, sô!** 2020. Disponível em: <<https://www.vivacampina.com.br/noticia/uma-historia-arretada-so>>. Acesso em: 05 set. 2021.
- CASCUDO, L. d. C. **Dicionário do folclore brasileiro.** [S.l.]: Ministerio da educação e cultura, Inst. Nacional do livro, 1954.
- _____. **Anúbis e outros ensaios: mitologia e folclore.** 2ª. Ed. Rio de Janeiro, 1983.
- _____. **Dicionário do folclore brasileiro.** belo horizonte: Itatiaia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- CHIANCA, L. Devoção e diversão: expressões contemporâneas de festas e santos católicos. **Revista Antropológicas**, Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), v. 18, n. 2, p. 2, 2007.
- CODECOM-PMCG. **Mais uma vez é de Campina Grande o novo recorde de Maior “Quadrilhão Junino do Mundo”.** 2019. Disponível em: <<https://campinagrande.pb.gov.br/mais-uma-vez-e-de-campina-grande-o-novo-recorde-de-maior-quadrilhao-junino-do-mundo/>>. Acesso em: 03 set. 2021.
- EFE. **Ação da Embratur leva festas juninas brasileiras a Madri.** 2017. Disponível em: <<https://exame.com/marketing/acao-da-embratur-leva-festas-juninas-brasileiras-a-madri/>>. Acesso em: 05 set. 2021.
- JUNIOR, N. **Ricardo divulga ‘Maior São João do Mundo’ em feira internacional de turismo.** 2014. Disponível em: <<https://pbnews.com.br/noticia/1011/ricardo-divulga-maior-sao-joao-do-mundo-em-feira-internacional-de-turismo>>. Acesso em: 05 set. 2021.
- LIMA, E. C. d. A. **A fábrica dos sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano.** João Pessoa: Idéia, 2002.
- LIMA, R. T. d. Alguns complexos culturais das festas joaninas. **Revista Brasileira de Folclore**, v. 1, n. 1, p. 17–28, 1961.
- MELO, V. d. Superstições de São João. **Pequenas Edições "Bando"**, Natal, 1949.
- MORAES, A. J. de M.; FILHO, M. M. **Festas e tradições populares do Brasil.** [S.l.]: Editora da Universidade de São Paulo, 1979. v. 55.
- OLIVEIRA, E. V. d. O são joão em portugal. **Revista de Etnografia e História**, Porto, v. 5, n. 1, 1965.

PIMENTEL, A. **As alegres canções do norte**. [S.l.]: Livraria Central de Gomes de Carvalho, 1907.

QUEIROZ, R. da S. **Um mito bem brasileiro: estudo antropológico sobre o Saci**. [S.l.]: Editora Polis, 1987.

RANGEL, L. H. V. **Festas juninas, festas de São João: origens, tradições e história**. [S.l.]: Casa do Editor, 2002.

RIBEIRO, H. Rotas da fé: Festas juninas. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 2, n. 3, 2006.

RUFINO, M. <https://www.alagoas24horas.com.br/979879/tradicoes-juninas-animam-concurso-de-quadrilhas-matutas/>. 2016. Disponível em: <<https://www.alagoas24horas.com.br/979879/tradicoes-juninas-animam-concurso-de-quadrilhas-matutas/>>. Acesso em: 03 set. 2021.

SERTANEJO, R. **Veja a programação completa do São João 2017 de Campina Grande**. 2017. Disponível em: <<https://www.radarsertanejo.com/2017/04/19/veja-a-programacao-completa-do-sao-joao-2017-de-campina-grande/>>. Acesso em: 05 out. 2021.

TADEU, E. **Moleka 100 Vergonha é campeã do XXII Edição do Festival de Quadrilhas Juninas de Campina Grande**. 2019. Disponível em: <<https://campinagrande.pb.gov.br/moleka-100-vergonha-e-campea-do-xxii-edicao-do-festival-de-quadrilhas-juninas-de-campina-grande/>>. Acesso em: 03 set. 2021.

TEJO, W. O São João de antigamente em Campina Grande. **Jornal da Paraíba**, Campina Grande, p. 3, 23 jun. 1987.

TRIGUEIRO, O. M. **A transformação das quadrilhas juninas e a Folkcomunicação**. 2007. Disponível em: <<http://http://www.redefolkcom.org/a-transformacao-das-quadrilhas-juninas-e-a-folkcomunicacao/>>. Acesso em: 17 jun. 2021.

VEIGA, E. **Santo Antônio: há 790 anos, morria o frade português que se tornou o santo mais popular do Brasil**. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57447342>>. Acesso em: 03 set. 2021.

WIKIPEDIA. **Festa de São João de Campina Grande**. 2006. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Festa_de_S%C3%A3o_Jo%C3%A3o_de_Campina_Grande>. Acesso em: 05 set. 2021.

ANEXO A – FOTOS

Figura 1 – Fotografia de Quadrilha Tradicional.



Fonte: Rufino (2016).

Figura 2 – Fotografia de Quadrilha Estilizada.



Fonte: Tadeu (2019).

Figura 3 – Fotografia da Organização do Quadrilhão 2019.



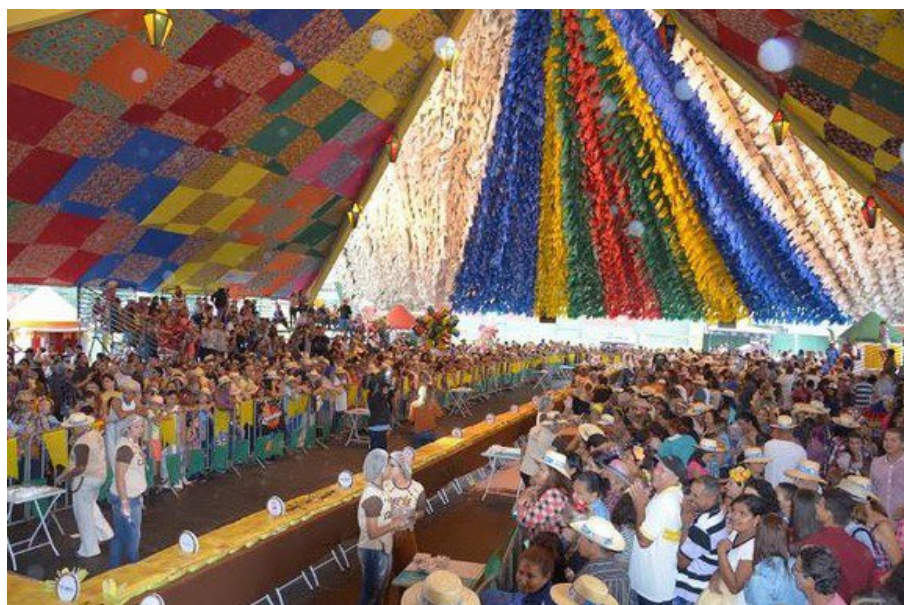
Fonte: CODECOM-PMCG (2019).

Figura 4 – Fotografia do Quadrilhão 2019.



Fonte: CODECOM-PMCG (2019).

Figura 5 – Fotografia do Evento do Bolo de Milho Gigante.



Fonte: CODECOM-PMCG (2019).

Figura 6 – Fotografia do Sítio São João.



Fonte: Sertanejo (2017).

Figura 7 – Fotografia da Fogueira Cenográfica.



Fonte: Wikipedia (2006).

Figura 8 – Fotografia da Fogueira na Cidade Cenográfica.



Fonte: Campina (2006).

Figura 9 – Pintura de Santo Antônio.



Fonte: Adaptado de Veiga (2021).

Figura 10 – Fotografia da Divulgação do “Maior São João do Mundo” na BTL.



Fonte: Junior (2014).

Figura 11 – Fotografia da Divulgação do “Maior São João do Mundo” em Madrid.



Fonte: EFE (2014).